



AS ATRIBUIÇÕES DA CULTURA POPULAR PARA AS PESSOAS IDOSAS

Oswaldo Daniel dos Santos Pinheiro
Sílvia Virginia Coutinho Areosa

Resumo: O presente trabalho apresenta o referencial teórico sobre a terceira idade e o envelhecimento, fazendo uma provocação com o consumo cultural do idoso. A partir disso, busca-se referenciais teóricos que envolvam a cultura, no viés da cultura popular para o desenvolvimento local. Isso porque acredita-se que conhecer a cultura local é importante para estimular o crescimento da região, assim como instigar as pessoas que pertencem ou não aquela localidade a conhecer as práticas culturais. O público-alvo, nesse trabalho, envolve as pessoas idosas.

Palavras-chave: Idosos; cultura popular; desenvolvimento local.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca apresentar as atribuições da cultura popular para as pessoas idosas. Assim como outros grupos da sociedade, também esses, na contemporaneidade, vêm acompanhando um processo de ritmo acelerado, tanto nos fatores econômico, social, político e cultural. Considera-se aqui que a sociedade é marcada por desigualdades, porém o direito à cultura é de todos. Quando o público idoso se faz presente nas atribuições culturais, ele desenvolve o sentimento de pertencimento em relação à sociedade de que faz parte.

O crescimento da população de pessoas idosas, incentivado por avanços na qualidade de vida e também nas tecnologias e investimentos em saúde, faz com que seja necessário repensar as questões sociais que envolvem essa população. É notável a elevação do número de pessoas idosas; segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a tendência é de aumento exponencial da proporção de idosos na sociedade. A previsão é de que no Brasil,



no ano de 2060, um em cada três indivíduos terá ao menos 60 anos de idade (IBGE, 2015).

A nova imagem do envelhecimento está condicionada há um processo dinâmico e progressivo, decorrente da ação do tempo. Para Areosa (2008) a pessoa idosa da contemporaneidade está apresentando mudanças em seu comportamento, se comparada a idosos de outras gerações. Vê-se surgir, assim, a vontade de viver novas experiências e desfrutar das possibilidades oferecidas pela sociedade. Na fala de Masi (2000) a cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. É nada mais que o resultado do que foi praticado na vida humana, consolidada em uma construção histórica, que se apoia nos pilares da liberdade e das desigualdades.

Pode-se dizer que a cultura é simbólica; ela vai se desenvolvendo e passando de geração em geração (Mais, 2000). A cultura popular é vista como importante para o desenvolvimento local, pois reforça a do espaço habitado. Assim, considera-se importante buscar não apenas compreender a participação do indivíduo inovador, mas vê-lo como alguém que possui uma tradição (CANCLINI, 2007).

Assim, esse artigo objetiva pensar as atribuições da cultura popular para o desenvolvimento dos idosos na contemporaneidade. O próximo título discute brevemente o conceito de cultura e o de cultura popular, a partir das referências bibliográficas estudadas. Já a terceira parte desse trabalho traz o conceito de envelhecimento e suas repercussões sobre a sociedade brasileira. Então, faz-se uma breve discussão sobre o consumo cultural desse público e suas possíveis implicações sobre sua qualidade de vida. As considerações finais trazem algumas breves conclusões sobre a revisão teórica aqui apresentada.

2 O CONTEXTO DE CULTURA POPULAR

A cultura é entendida aqui como um conceito que é resultado da atividade humana de cada indivíduo em sociedade. Ela se manifesta e se fortalece nas

criações materiais e imateriais das pessoas ao buscarem satisfazer as suas necessidades e adaptarem-se ao meio – adaptando, também, o meio a si. Ela vai criando e se transformando ao longo do tempo em que um indivíduo atua sobre a natureza (LAGO; ROTTA, 2017).

Essa esfera da atividade humana pode ser, também, vista como o processo através do qual as pessoas dão sentido à própria existência e a todas as coisas com as quais tem contato: a natureza e suas relações de convivência. O ser humano tem a capacidade de produzir cultura, ao mesmo tempo que é produzido por ela. Ela envolve mecanismos intersubjetivos que encadeiam a vontade, a inteligência, a memória, dentre outros. Como afirma Schmidt (2001, p.29),

[...] cultura é uma visão comum da realidade, uma perspectiva partilhada, uma concordância geral quanto ao que é verdadeiro, correto e válido. Os seres humanos adquirem suas crenças por meio da interação, e suas verdades, princípios morais, valores e objetivos são, em grande parte, socialmente criados. A verdadeira importância da cultura está na construção social da realidade.

Para Guerra e Silva (2012) a cultura é um termo polissêmico, apresentando diversos significados para os diferentes autores e atores que discutem o tema. Os antropólogos afirmam que cultura é toda a totalidade das formas de se viver de um indivíduo, abrangendo todas as expressões materiais e imateriais de uma população.

Definindo cultura de modo amplo e enquanto um elemento constitutivo ontológico das sociedades, regiões, coletividades que as produzem e que nelas são produzidas, considerando algo que estaria fora da esfera da racionalidade instrumental. Somente em termos da definição de políticas culturais, referidas àquela maneira específica de falar sobre cultura, relativa a modelos de organização da produção, circulação e consumo das obras de arte em geral; de classificação, conservação e transmissão intergeracional do patrimônio definido pelos especialistas enquanto patrimônios artístico-culturais, é que a cultura poderia ser tocada enquanto algo a ser planejado, organizado, implementado. (GUERRA; SILVA 2012, p.198).

Ainda antes de contextualizar cultura popular, aproveita-se Miranda (2000) para destacar que cultura é um sistema de símbolo utilizado pelos



indivíduos para se organizar e regular o pensamento. No decorrer dos anos e perpassando as diversas disciplinas que se ocuparam da temática cultural, foram-se criando divisões no estudo desse tema tão amplo. Dentre eles, têm-se a cultura popular. Essa tem importância porque está ligada às expressões das identidades culturais.

As expressões “cultura popular tradicional” ou “culturas populares”, e mais recentemente “patrimônio imaterial”, passam a ser utilizadas em substituição a “folclore” na maioria dos programas e ações, a fim de se evitar as interpretações e visões conservadoras que o termo historicamente adquiriu. Nesses deslocamentos de sentido, as transformações e atualizações nas noções de cultura popular e patrimônio imaterial mantêm aproximações que permitem, muitas vezes, que sejam intercambiáveis nos discursos das políticas públicas em razão das próprias orientações e do campo discursivo norteador da UNESCO (BEZERRA; BARBALHO, 2015, p. 72 – 73).

Portanto, essa temática ganhou o interesse de esferas do poder público – através do incentivo à manutenção da cultura – e do privado – ao buscar promover o consumo cultural. Portanto, envolve também o espaço público, por meio dos projetos de políticas culturais para o fortalecimento e desenvolvimento do local. Como coloca Canclini (1989, p. 29):

[...] si entendemos por cultura (más que el mundo de los libros y lãs belas artes) el conjunto de procesos simbólicos a través de los cuales se comprende, reproduce y transforma la estructura social... Lo que debiéramos investigar centralmente para conocer las relaciones entre cultura transnacional y culturas populares es de qué modo los câmbios políticos-econômicos se combinan con la reformulación de las políticas culturales para promover uma nueva cultura política, un nuevo sentido de la vida social.

Já Bezerra e Barbalho (2015) apresentam que a política cultural define juízos e percepções em um campo de enfrentamento, pois a atuação do Estado na promoção de culturas populares não coincide, necessariamente, com o que vem sendo construído a partir do olhar de cada grupo político, social e cultural. Em tempos de mudanças em todo o cenário global, vê-se que o processo de globalização funciona no sentido de homogeneizar a cultura – especialmente



através do consumo. Ao mesmo tempo, vê-se renascer as expressões das diversidades culturais e identitárias (ORTIZ, 2015).

No capitalismo, as perspectivas de cultura popular contam com um uma conjuntura da inovação, sem perder a descaracterização. A cultura popular é entendida como um fenômeno interessante de pesquisa, pois a sua valorização está ligada no imaginário social que, por sua vez, reflete nas representações sociais (CANCLINI, 2007). Ainda para o mesmo autor, ela pode ser reconhecida e estimada de muitas formas. Como exemplo pode-se citar a dimensão de símbolos através da comunicação e da afetividade, sendo o afeto é a principal peculiaridade de valorização cultural.

Para Canclini (2007), as culturas populares podem ser tanto favoráveis e quanto híbridas. No desenvolvimento moderno, as culturas tradicionais transformam-se, incorporando novos elementos. Podem não estar completamente incorporadas à ação do Estado, integrando outras esferas, como os circuitos comerciais que envolvem o artesanato, a música e o turismo. Também destaca Canclini (2007) que a arte popular não é uma coleção de objetos, muito menos uma ideologia subalterna. Não se pode buscar uma identidade da cultura popular sem considerar suas interligações com outras culturas. Um mesmo indivíduo pode participar de diversos circuitos culturais. Chartier (1995, p.179) apresenta seu entendimento sobre esse conceito, destacando dois momentos de abordagem e interpretação:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.

Como foi visto em Canclini (2007), nenhuma dessas formas de aproximação da temática sob essas perspectivas precisa ser evitada. Já na



caracterização implícita de categorização de uma cultura popular, Chartier (1995, p. 190) destaca que

[...] esta categoria leva a perceber a cultura que ela designa como tão autônoma quanto às culturas longínquas e como situada, simetricamente em relação à cultura dominante, letrada, elitista, com a qual forma um par. É preciso dissipar essas duas ilusões complementares. De um lado, as culturas populares estão sempre inscritas numa ordem de legitimidade cultural que lhes impõe uma representação da sua própria dependência.

Na fala de Miranda (2000), a cultura popular pode e deve auxiliar no desenvolvimento local. Assim, deve haver um reconhecimento da cultura e de suas peculiaridades locais, visando o fortalecimento das comunidades. A economia pode mudar a cultura e passar a ser uma possibilidade de ideias para novas projeções de investimentos. Essa interferência na cultura popular pode descaracterizá-la, mas também pode agir como incentivo para o seu desenvolvimento, ampliando os públicos de acesso.

No próximo título, busca-se discutir as características do processo de envelhecimento e do conceito de pessoa idosa na atual configuração econômica e sociopolítica. O consumo cultural voltado para o público idoso é apresentado como uma possibilidade de integração dessa parcela da sociedade às expressões da cultura popular de sua comunidade, criando vínculos e influenciando em sua qualidade de vida.

3 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E O CONSUMO CULTURAL

Tem-se vivenciado, ao longo dos anos, um grande avanço da ciência; isso está gradativamente possibilitando um novo e abrangedor horizonte para as linhas da longevidade humana. O aumento da expectativa de vida da população brasileira e mundial está levando a sociedade a melhor analisar e pensar sobre todo o contexto que engloba as abordagens dos fatores mais diversificados do envelhecimento.



Esse faz parte do desenvolvimento da vida humana, sendo um processo variável segundo diferentes culturas, períodos históricos, classes sociais, gênero, estilo de vida, etnia, profissão, dentre outras situações. É preciso, assim, pensar as novas demandas que emergem no cenário de um país que envelhece com altos níveis de vulnerabilidade social. O Brasil passa por esse processo tendo como campo um cenário heterogêneo, marcado por diferenças regionais (LIMA, 2010).

Com o crescimento da população idosa, o país volta o olhar para esse este público. Cabe marcar que a pirâmide populacional, anteriormente, era composta por um número superior de jovens e passa a mudar esse perfil, mostrando um acelerado envelhecimento da população brasileira. Dentro da realidade brasileira, os estados em que esse crescimento é mais significativo encontram-se nas regiões Sul e Sudeste. Para Netto (2002), no ano de 2025 estima-se que o Brasil poderá ser o sexto país do mundo com maior número de pessoas idosas. Conforme exposto por Neto e Monteiro (2008, p. 13), entende-se que o envelhecimento é um período que “não pode ser visto como um fim de vida, mas como uma etapa com características e valores próprios e uma nova forma de olhar o mundo, pois a cidadania é construída por todos os indivíduos e só é possível quando todos tiverem direitos e deveres iguais”.

Silva (2009) ressalta que além das preocupações com a imagem física, é relevante que a pessoa idosa sinta vontade e/ou prazer em realizar atividades que contribuam para o seu desenvolvimento psíquico. O envelhecimento não pode, assim, coincidir com o isolamento e a quebra de vínculos sociais e culturais. O autor destaca ainda que:

Participar de atividades programadas para serem desenvolvidas em grupo faz com que o idoso pertença a um espaço no qual seus integrantes caracterizam-se pela vontade de envelhecer ativamente, utilizando o tempo livre. Aqueles idosos que procuram grupos para sua interação mantêm-se socialmente ativos, com elevada autoestima, intelectualmente produtivos, com grande rede de amigos buscando se relacionar e interagir. Mostrando, assim, condições de descobrir-se como agente de mudanças na velhice.(p.46-47).



Zimmerman (2000) diz que o envelhecimento é uma ocorrência relativa ao processo da vida – juntamente com a infância, a adolescência e a maturidade – e é marcado por mudanças biopsicossociais específicas. Essas estão relacionadas à passagem dos anos e envolvem uma nova percepção de mundo e de atuação na comunidade. Corroborando ainda que: “O segredo do bem viver é aprender a conviver com essas limitações. [...] é entender, aceitar e lutar para que esses problemas sejam diminuídos com exercícios físicos, com caminhadas, [...], exercícios de memória, bons hábitos”. (ZIMMERMAN, 2000, p. 23).

É um desafio para a sociedade na contemporaneidade repensar o envelhecimento populacional, que tem apresentado um panorama de mudanças tanto em fatores culturais e quanto nas ações nos diferentes campos sociais. Assim, é necessário também pensar as relações entre esse processo e a cultura, também no que tange o consumo cultural da população idosa.

Masi (2000) diz que é possível pensar no direito da pessoa idosa à cultura como consumidor de bens culturais. O significado de consumidor, em uma sociedade consumista, é entendido como ações tomadas pelas pessoas em situações de compra e consumo de produtos e/ou serviços. Desse modo, estudam-se como os indivíduos, grupos ou organizações compram, usam e dispõem de serviços para satisfazer suas necessidades e desejos. No sentido de um consumidor cidadão, o autor destaca a importância de estar consumindo com um olhar direcionado aos princípios ideológicos. Como afirmam Guerra e Silva (2012, p. 200), a cultura “descreve semelhanças partilhadas entre pessoas dentro de um território físico ou emocional, que as fazem experimentar um sentimento de unidade e de pertencimento que geralmente se desdobra em desejos de cultivo e de transmissão intergeracional”.

Para a pessoa idosa, um consumo cultural de boa qualidade pode o beneficiar em muitos sentidos. Com a maior disponibilidade de tempo livre – considerando-se aqui a aposentadoria –, essa população pode sentir-se mais



estimulada à participação cidadã e ao envolvimento com a sociedade, desde que lhe seja assegurada a acessibilidade física. Portanto, considera-se importante a oferta de produtos culturais acessíveis e alinhados às condições e restrições das pessoas idosas. Assim, é possível que esses se beneficiem e elevem seu consumo cultural (MASI, 2000).

Segundo Acevedo (1998), a acessibilidade física para os idosos chegarem a fazer uso de lugares culturais é fundamental. Dentre os equipamentos culturais, destaca: o cinema, o teatro, os parques e demais centros de lazer. A maior presença de pessoas idosas em lugares públicos é, de fato, uma mudança comportamental. Essa população tem desenvolvido um pensamento mais aventureiro, com o desejo de viver e cultivar momentos. Esse é um reflexo de um novo conceito de pessoa idosa presente na contemporaneidade. Assim, vê-se uma terceira idade mais ativa e participativa, mais atenta aos seus direitos. Dentre esses, encontra-se o direito ao lazer que, como destaca Masi (2000, p. 8) permite melhor qualidade de vida pois, “o futuro pertence a quem souber libertar-se da ideia tradicional do trabalho como obrigação ou dever e for capaz de apostar numa mistura de atividades em que o trabalho se confundirá com o tempo livre, com o estudo e com o jogo, enfim com o ‘ócio criativo’”.

O lazer pode apresentar-se associado ao consumo de bens culturais. Entretanto, muitas vezes esse consumo não é pensado considerando as possibilidades e as necessidades da população idosa. O acesso às demonstrações da cultura popular pode desenvolver o sentimento de pertença desses cidadãos à comunidade que os cerca. Portanto, é de suma importância garantir que as pessoas idosas possam usufruir e contribuir para com a riqueza cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Como visto, o processo de envelhecimento é complexo. Na contemporaneidade, a pessoa idosa se encontra cada vez mais ativa e participativa. As necessidades são mutantes e variam conforme as características culturais, sociais e econômicas de cada grupo. O envolvimento dos idosos em expressões da cultura popular pode contribuir para que se desenvolvam laços afetivos. Além disso, o conhecimento das diversidades culturais contribui para ampliar as capacidades cognitivas dessa população.

Assim, a cultura popular pode contribuir para o desenvolvimento de uma melhor qualidade de vida para essa população. Além disso, pode fortalecer as comunidades, contribuindo no sentido de ampliar a visibilidade das diversidades e fomentando economicamente sua reprodução e transformação. Garantir a participação das pessoas idosas nesse processo é interessante para essa população, mas também para os interesses sociais e econômicos envolvidos.

Na fala de Chartier (1995), a cultura popular é compreendida como um processo plural, multifacetado e que está em constante movimento, posto que se cria e recria diariamente. É também um espaço de disputa, onde se reproduzem as relações de forças sociais e de poder. Garantir o acesso plural às suas expressões é uma forma de reduzir as desigualdades sociais. Por isso, mostra-se importante pensar as formas de acesso da população idosa, que pode não somente consumir, mas também contribuir para a garantia da continuidade da diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, C. **Perfil do comportamento do consumidor maduro em viagens de lazer**. 1998. Tese (Doutorado) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1998. Disponível em: <file:///D:/Downloads/1199802053.pdf >. Acesso em: 20 ago. 2018.

AREOSA, S.V.C. **Envelhecimento, contexto social e relações familiares: o idoso, de assistido a provedor da família**. 2008. 212 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em:



<<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/428/1/408714.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

BEZERRA, J.; BARBALHO, A. As culturas populares nas políticas culturais: Uma disputa de sentidos. **PragMatrizes**. São Paulo, v. 5, n. 8, out/2014 mar/2015, p. 67-81. Disponível em: <http://www.pragmatizes.uff.br> . Acesso em: 11 ago. 2018.

CANCLINI, N. G. **Cultura transnacional y culturas populares**. São Paulo: ECA/USP, 1989.

CANCLINI, N. G. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2007.

CHARTIER, Roger. **Cultura popular**: revisitando um conceito histórico. In: Estudos históricos. V. 8, n. 16, RJ, 1995, p. 179-192.

GUERRA, L. D.; SILVA, J.B. Cultura e desenvolvimento: uma visão crítica dos termos do debate. In BRASILEIRO, M.D.S., MEDINA, J.C.C.; CORIOLANO, L.N. (org). **Turismo, cultura e desenvolvimento** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 195-233. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/7y7r5/pdf/brasileiro-9788578791940-10.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO E GEOGRAFIA DE ESTATÍSTICA (IBGE). 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16 jul. 2018.

LAGO, I. C.; ROTTA, E. Sobre a relação entre cultura e desenvolvimento: alguns apontamentos em defesa do conceito antropológico de cultura. Santa Cruz do Sul: UNISC, **Anais do VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional**, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/16188>. Acesso em: 02 ago. 2018.

LIMA, M. **Envelhecimento(s)**. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

MASI, Domenico de. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

MIRANDA, A. Sociedade da informação: globalização identidade cultural e conteúdos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a10v29n2>>. Acesso em: 02 set. 2018.

NETO, F.; MONTEIRO, H. **Universidade da Terceira Idade**: da solidão a motivação. Porto: Livpsi, 2008.



NETTO, M.P. História da velhice no século XX: Histórico, definição do campo e temas básicos. In E.V. Freitas., L. Py., A.L. Néri., F.A.X. Cançado., M.L. Gorzoni, M.L e S.M. Rocha (Eds.), **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1-12, 2002.

ORTIZ, Renato. **Universalismo e diversidade**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2015.

SILVA, V. **Velhice e envelhecimento**: qualidade de vida para os idosos inseridos nos projetos do Sesc-Estreito. Monografia (Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/119776/287076.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

ZIMERMAN, G. I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed, 2000.